

# NEGROS NA PRODUÇÃO AUDIVISUAL BRASILEIRA: Uma análise da série

## Mister Brau<sup>1</sup>

Henrique MAZETTI<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Lídia OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

**Resumo:** Durante muitos anos, o legado da discriminação no Brasil, a questão da escravidão e dos negros nas telenovelas, filmes, documentários e séries brasileiras foram temas considerados tabus na mídia brasileira. Porém, mesmo com pouco espaço que era reservado aos negros, eles começaram a se destacar nas mídias brasileiras. Segundo Araújo (2006), os atores de origem negra são escolhidos para representar estereótipos de feiura, subalternidade e de inferioridade racial e social. Neste artigo iremos problematizar e analisar como a série *Mister Brau*, que traz um casal de negros protagonistas, trata de paradigmas indenitários e como os negros são representados na televisão nacional. E como é de extrema importância esse tipo de estudo nas mídias brasileiras.

**Palavras-chaves:** reconhecimento; identidade, negros, telenovelas (produção audiovisual), *Mister Brau*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, iremos analisar a representação dos personagens de Lázaro Ramos e Thaís Araújo na série *Mister Brau* exibida pela Rede Globo, para descobrir qual a relação de paradigmas que a identidade negra da televisão brasileira está construindo e desconstruindo por meio de sua teledramaturgia.

A série exibida pela Rede Globo nos faz refletir sobre a representação do negro na televisão brasileira, que muitas das vezes é “contemplado” com papéis secundários ou de pouca importância. O seriado *Mister Brau* traz como protagonistas dois atores negros bem-sucedidos. Essa trama nos leva a pensar como a vinculação dos paradigmas são apresentados, sendo que por um lado traz pela primeira vez em uma série um casal negro com destaque e de uma boa posição social. Por outro lado, da mesma forma que dá visibilidade a inúmeros negros que se sentem representados pelos atores, eles reafirmam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces da Comunicação, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. Período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, email: [lidiasilvaoliveira20@gmail.com](mailto:lidiasilvaoliveira20@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV, email: [mazetti@ufv.br](mailto:mazetti@ufv.br)



um paradigma ainda mais enraizado na população brasileira, de que quando um negro tem uma ascensão é por causa da sorte ou do seu talento, que não chegaram a esse patamar por esforço intelectual. (FARIA e FERNANDES, 2007; PEREIRA, 2001; SODRÉ, 1999)

O objetivo central deste artigo é estudar as relações que se estabelecem nesse programa exibido pela Rede Globo, a maneira como são apresentados os personagens principais e a relação com os seus vizinhos nos 4 primeiros episódios da série. É extremamente importante o estudo desse avanço dado pela mídia, pois podemos ver como essa falta de representação afeta não só os atores negro, mas toda essa parcela negra da população que os assiste e se sentem mal representados. (FARIA e FERNANDES, 2007; PEREIRA, 2001; SODRÉ, 1999).

Há algum tempo a Revista da TV, do jornal O Globo realizou uma enquete com os atores e autores da teledramaturgia brasileira perguntando se eles acreditavam que os negros poderiam ter uma maior participação na televisão nacional, Faria e Fernandes (2007) relataram que:

Todos os entrevistados, entre eles Thaís Araújo e Gilberto Braga, afirmaram que ainda há um longo caminho para a efetiva inclusão do negro na teledramaturgia, ainda que percebam alguns pontos positivos nesse sentido. (FARIA e FERNANDES, 2007 p.12)

Sendo o título da enquete “o sonho da igualdade racial”, nota-se que o fim da desigualdade racial, trata-se apenas de sonhos, mostrando à população quais são as verdadeiras chances de uma mudança efetiva. A igualdade racial brasileira é tratada como sonho e não como um projeto, uma futura realidade.

Para realizar a pesquisa foram selecionados os quatro primeiros episódios da série que faz uma apresentação geral dos personagens principais Michele e Brau interpretados por Thaís Araújo e Lázaro Ramos, respectivamente, e da relação deles com os moradores da casa ao lado, Henrique e Adriana que são interpretados por George Sauma e Fernanda de Freitas. Os vizinhos de início têm uma relação conturbada com o casal, achando que eles são bandidos simplesmente por serem negros, porém Henrique passa a trabalhar para Brau e muda a sua visão sobre o mesmo, no entanto Adriana faz de tudo para acabar com o casal da vizinhança, e se refere à Michele como uma “sem cultura” (palavras da personagem durante a série).



Esse artigo está estruturado através de uma apresentação teórica sobre a relação entre mídia e sociabilidade, a representação dos negros no audiovisual brasileiro e uma análise sobre os primeiros episódios da série *Mister Brau*, que traz como personagens principais um casal negro.

## **MÍDIA E SOCIABILIDADE**

A sociabilidade pode ser enxergada de uma forma geral como a capacidade natural do ser humano de viver em sociedade, viver sempre interagido com as outras pessoas, uma vez que não é característico do ser humano viver isolado. É um dos elementos mais importantes na construção da sociabilidade no contexto contemporâneo é sem dúvida a mídia.

Silverstone (2002) vem com um questionamento extremamente importante, “por que estudar a mídia?”. Ele relata que essa indagação:

Levanta a inúmeras questões que não podem ser ignoradas, pois elas emergem do simples reconhecimento de que nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. (SILVERSTONE, 2002, p.12).

Ele ainda afirma que nós passamos a depender da mídia sendo ela impressa ou eletrônica com o objetivo de obter lazer e informação, conforto e segurança.

Quando analisamos a mídia através dos modelos de mudanças e sobre as projeções de futuras tendências de consumo estamos apenas tentando entender a superfície da cultura midiática, que muitas vezes se preocupam somente em vender, e não é isso que devemos pesquisar e, sim, o que a mídia faz e como agimos juntamente a ela. Por essa razão devemos converter quantidade em qualidade.

Portanto, é de extrema importância mostrar o porquê é essencial estudar a mídia como aspecto social e cultural, político e econômica. É necessário estudá-la como algo que auxilia a nossa capacidade de entender o mundo e seus significados. Ele cita que:

Grande parte de nossa preocupação pública com os efeitos da mídia concentra-se nesse aspecto do que vemos e tememos, especialmente, na nova mídia: que ela substituirá a sociabilidade ordinária e que estamos



criando, sobretudo por meio de nossos filhos homens, e muito especialmente por meio da classe operaria masculina e dos meninos negros (que continuam a ser o *locus* da maior parte de nosso pânico moral), uma raça de viciados na telinha. (SILVERSTONE, 20002, p.16).

E como ele mesmo cita “os meninos negros que continuam a ser o *locus* da maior parte de nosso pânico moral” (p.16) que podemos perceber como se dá a representação do negro no audiovisual brasileiro. É explícito que os negros ainda vivem à margem dos papéis principais na teledramaturgia brasileira. Muitas vezes a série *Mister Brau* é vista como um instrumento de riso fácil na população. Mas não é essa a verdadeira essência desse seriado, que nos seus 4 primeiros episódios vem mostrando que a série ao mesmo tempo que quebra paradigmas ela reafirma novos paradigmas na televisão nacional.

Deuze (2013) afirma:

Essa multiplicação de experiências mediadas contribui não apenas para a falta de consciência da existência da mídia em nossas vidas, ela também amplifica e acelera uma fusão contínua de todos os domínios da vida (como lar, trabalho, escola, amor e diversão) com a mídia. Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – *zumbis*. (DEUZE, 2013, p. 114)

Conforme Deuze (2013) viver como um zumbi na mídia “é o único meio de sobreviver”. Ele ressalta que quando nos comportamos como zumbis midiáticos, estamos mais bem equipados para abraçar o coletivismo ao invés do individualismo. Além disso, ele acredita que esse tipo de comportamento é uma forma involuntária porque “as pessoas estão imersas na mídia simultaneamente e por muito tempo – na maioria das vezes sem perceber que estão expostas à mídia” (Deuze, 2013). Para ele essas experiências ajudam para a falta de conhecimento que as pessoas têm da presença da mídia em nossas vidas, e como essa ausência de sabedoria sobre os meios de comunicação também acelera uma fusão constante de todas influências da vida (como lar, trabalho, escola, amor e diversão) com a mídia

Segundo o estudioso de mídia Marshall McLuhan “A Mídia é Vida” e seguindo essa linha de raciocínio e a afirmação de Deuze que somos todos zumbis, podemos perceber no que se refere aos limites entre o ser humano e a mídia, vemos que nossas vidas andam em paralelo com as tecnologias. Para Deuze, o conceito de zumbi não é exclusivamente nosso, ele também pertence a mídia, pois nossa vida na mídia sempre



tenta invocar um passado que em tempo algum poderá ser recuperado do mesmo modo que um passado que nunca partirá – nossa mídia já é e sempre foi zumbi.

Segundo Fisher (2002, p.160) “O ato de olhar criteriosamente a TV remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, e ir além do que nos é dado ver de imediato.” Esse pequeno trecho citado por ela reafirma o que foi dito acima, que devemos transcender as evidências e olhar de forma crítica para a minissérie.

Sobre estudar a mídia e particularmente a TV, Fisher amparada por Foucault, diz que devemos mostrar de que forma a mídia opera, no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. E devemos levar em conta o que afirma Stuart Hall, ao dizer que “vivemos em tempo marcado por uma verdadeira revolução cultural, propiciada pelas forças que assumem no cotidiano da sociedade contemporânea as distintas formas de comunicação e informação.” (p.153)

De acordo com Fisher (2002) os meios de comunicação não se organizam apenas como fontes básicas de informação e lazer, “eles tratam de um meio extremamente poderoso que produzem e circulam uma série de valores, concepções e representações, eles relacionam um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos pelo público, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante.”

É interessante ver como a televisão retrata, cria ou reforça os processos de inclusão e exclusão, como ela dita a forma que deve ser mostrado a profissão, o gênero, etnia, a classe social e a geração. Ou seja, eles transformam as nossas vidas em espetáculos que estão relacionados a uma série de preconceitos, valores e definições a respeito dos determinados grupos da sociedade: os pobres, os adolescentes de classe média, as mulheres, ou negros, os trabalhadores. E se torna preocupante como essa prática comunicacional, produz ou veicula os modos de ser e de considerar os nossos “outros”.



## **A REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO**

Segundo o documentário ‘‘A negação do Brasil – O negro nas telenovelas’’, a representação do negro nas novelas sempre se deu de forma tímida e preconceituosa. O documentário conta com análise de novelas e depoimentos de artistas que falam que quando eram chamados para interpretar um papel era o mesmo taxado papel do negro. O negro sempre representou os papéis de empregados domésticos, motoristas ou mesmo de escravos, e nem quando a novela foi *A Escrava Isaura* o negro ganhou o papel principal, sempre havia uma ‘‘desculpa’’ para um branco realizar o papel de destaque. É nítido ver como os negros eram colocados à margem na teledramaturgia brasileira.

Tomando por base os estudos de Fischer (2002) sobre os dispositivos pedagógicos da mídia é possível ver o que o documentário relata como a TV trata o que a sociedade confere os chamados ‘‘diferentes’’. Fischer diz que todas as questões em torno do tratamento das diferenças (de gênero, de etnia, de geração, de condição social, de profissão, etc.) estão relacionadas a modos de representação, de enunciação, a formas de interpretação e de comunicação. Ou seja, há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa, no que se refere aos modos de nomear os diferentes.

Segundo Faria e Fernandes (2007), tanto no elenco de uma telenovela quanto na minissérie, objeto dessa pesquisa, o ator negro na maioria dos casos será destinado a um personagem cujas características étnicas já estavam previstas. Ou seja, um personagem que poderia ser representado por um negro ou por um branco, ele será representado por um ator branco, para o negro somente lhe cabe o personagem que já é estereotipado historicamente para um negro, sem contar que esses personagens quase sempre são secundários ou sem importância. Por isso é essencial o estudo de objetos como *Mister Brau* que vem com o intuito de quebrar esses paradigmas já construídos.

Levando em consideração as considerações de Faria e Fernandes (2007) as novelas *Cobras & Lagartos* e *Da Cor do Pecado* ‘‘têm proeminência para a História da Teledramaturgia Brasileira por serem as pioneiras no que tange a apresentação do negro como protagonista.’’ Dessa forma podemos perceber como foi importante a atuação das duas novelas para o surgimento da série *Mister Brau*, que tem como principal característica os dois protagonistas serem negros.



Segundo Araújo (2006, p.76,77) “a escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que quanto mais nórdicos os traços físicos mais destacados ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. E, no lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiura, da subalternidade e da inferioridade racial e social. ” E infelizmente essa declaração é extremamente verdadeira, por isso a série *Mister Brau* é fundamental, ao trazer os protagonistas como artistas negros e ressaltar a beleza da mulher negra.

Araújo (2006) também relata que o lugar que fica guardado para o mestiço nas telenovelas e no cinema sempre são os que representam o “povão”. E ele ainda reforça que esses mestiços são obrigados a conviver também na televisão a humilhação social em uma sociedade composta pela ideologia do branqueamento.

## ANÁLISE

A série *Mister Brau* traz uma realidade diferente das apresentadas pela Rede Globo ao longo dos anos. Pela primeira vez em uma minissérie os protagonistas são dois negros, sendo eles Lázaro Ramos e Thaís Araújo. A trama lançada pela emissora traz como tema central o casal Brau e Michele como cantor e bailarina famosos. Ela relata a história do casal que ficou conhecido após uma música de extremo sucesso, e criaram a marca *Mister Brau*, fazendo um sucesso estrondoso pelo país. Porém ao mesmo tempo que a série quebra paradigmas estrelando os dois protagonistas negros, ela reafirma outros como a ascensão social dos negros através de sorte, ou talento como a música e a dança.

Como relata o documentário *A negação do brasil – O negro nas telenovelas* os negros sempre tiveram papéis secundários ou muitas vezes já estereotipados como papéis para pessoas negras. Eles nunca mereciam um papel de maior destaque, e quando conseguiam uma ascendência, sempre tinham algo contra. Ou terminavam sem um par romântico nas novelas, ou não eram aceitos. E quando recebiam um papel de destaque era por sorte, não por esforço. Não quero afirmar ao dizer que o talento é um elemento subalterno ou inferior, ele é sim de grande valor e estima, mas quando é retratado por um ator negro, reafirma estereótipos que a população negra não tem a capacidade de elevar-se socialmente através de esforços, estudos.

Segundo Araújo (2000) no documentário *A negação do brasil – O negro nas telenovelas* os negros, quando vimos na TV um negro interpretando um papel assim,



como um médico, advogado, engenheiro? É quase nula essa representação. O casal analisado representa pessoas que alcançaram sucesso por intermédio da sorte ou talento. Porém, é louvável ressaltar que já é um passo para a história da população negra se ver representada como protagonistas. É possível reafirmar essas questões a partir do que Araújo (2000) diz. Ele relata que raramente o negro representa o papel de um empresário rico, ou um herói, o negro ou o mulato nos audiovisuais brasileiros sempre é aquele malandro, que tem o samba no pé, que é cheio de ginga e que no fundo, essa imagem acaba sendo passada como falta de responsabilidade ou até mesmo um marginal, que culmina na fixação de um caráter negativo.

No primeiro episódio já é possível ver essa relação com os paradigmas, ele começa com os dois chegando às três da manhã, na casa que compraram em um condomínio de luxo na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, ficam maravilhados com a cena e se jogam na piscina de madrugada para desfrutar do novo lar. Porém quando os vizinhos ouvem um barulho, olham pela janela e acreditam que dois bandidos invadiram a casa ao lado, pelo horário e, principalmente, devido ao fato dos dois serem negros e resolvem chamar a segurança do condomínio. Já nesse primeiro momento de contato com o seriado é possível perceber como o preconceito ainda está enraizado na sociedade brasileira. Faria e Fernandes (2007) fazem uma observação que ajuda a interpretarmos o primeiro episódio:

Os discursos racistas inserem-se na cultura brasileira com ares de “naturalidade” o que, num primeiro olhar, impede uma crítica sistemática. Porém, é preciso fixar que estamos lidando com discursos de exclusão intencionalmente elaborados, que contam com o estímulo do senso comum para serem aplicados nas relações interpessoais e intergrupais. Com referência ao negro, é preciso estar atento ao fato de que a mídia constrói identidades virtuais (ou pseudo-identidades) a partir não só da negação e do recalcamento da identidade negra, como também um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições (FARIA e FERNANDES 2007 p.7,8).

Já no segundo capítulo da série é visível que os vizinhos, que já tinham um preconceito quanto aos personagens de Michele e Brau, passam a se comportar de maneiras contraditórias, Henrique começa a trabalhar para o casal e logo no início perde o intuito de prejudicar os patrões e sempre trabalha em prol dos mesmos. Já sua mulher Adriana sempre tenta arrumar uma forma de prejudica-los, começa o episódio chamando a música que eles ouvem de primitiva, só que ao mesmo tempo que tenta atrapalhar o





casal Brau, ela tira proveito do dinheiro que o marido ganha prestando serviços a eles. E o pensamento dessa personagem sobre o casal pode ser ilustrado por um trecho citado no artigo de Araújo (2006):

Fazer um bom cinema no Brasil deve ser um ato de purificação de nossa realidade, através da seleção daquilo que merece ser projetado na tela: o nosso progresso, as obras de engenharia moderna, nossos brancos bonitos, nossa natureza” (Cinearte apud Debs, 2002, p. 80; ARAÚJO, 2006, p3).

No terceiro episódio também é perceptível a confirmação da quebra dos paradigmas quando a série *Mister Brau* mostra a elevação do casal principal, em que Brau aumenta ainda mais o seu sucesso e ganha um prêmio, sendo esse um dos maiores da música latino-americana. E Michele também não fica atrás, sempre sendo uma mulher de negócios, extremamente eficiente e aclamada por fãs. Esses exemplos relatam como dois personagens principais negros são merecedores, tanto quanto um ator branco, para esse tipo de papel.

Porém, a personagem Adriana demonstra a parcela da sociedade que não aceita esse tipo de ascensão social, promovendo um discurso carregado de preconceito e ódio. Em determinada parte do episódio, ela diz que “Você acha que eu sou racista só porque eu acho um absurdo esse tipo de gente desclassificada, sem berço, sem cultura, sem educação, morar em um condômino de luxo. Desde quando rebolar e batucar é cultura? ” É explícito como esse tipo de pensamento ainda está entranhado em nossa sociedade.

Já no quarto e último episódio a ser analisado é possível observar que os paradigmas continuam cada vez mais reafirmados. Brau e Michele decidem fazer uma festa de recasamento e nela existe uma lista imensa de convidados famosos. Os personagens Henrique e Adriana confirmam ainda mais em qual “lado” dos paradigmas eles estão posicionados, Henrique mostra que o preconceito não está enraizado na sua cultura e se aproxima ainda mais como advogado e amigo dos protagonistas.

Por outro lado, sua mulher Adriana, estereotipa cada vez mais o casal e reafirma o seu repúdio aos mesmos, procurando até uma mãe de santo para se livrar do casal. Com isso podemos ver o modo como grande parte da população brasileira ainda se manifesta e pensa. Não acreditando e não aceitando que um casal negro ou qualquer outra pessoa do tipo, não tenha capacidade de ascender socialmente e construir uma nova realidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da análise, é possível perceber como essas questões estudadas são extremamente importantes para a sociedade brasileira. A representação do negro nos audiovisuais brasileiros é antiga e complexa, desde o surgimento da TV no Brasil é nítido o espaço que o negro dispõe, sempre em segundo plano, realizando papéis de empregados domésticos, motoristas, e na maioria das vezes o papel de escravos, mas nunca como principais como por exemplo na novela *A Escrava Isaura* que alguns personagens deveriam ser negros e eram representados por atores brancos. Não sendo essa a única, pois no documentário *A negação do Brasil - O negro nas telenovelas*, de Araújo (2000) também é relatado que em outra novela um artista branco se pintava de negro para poder interpretar o papel de um negro. É por fatores como esse que considero que uma discussão sobre essa representação nunca estará sendo repetitiva, pois esse assunto ainda está no início dos seus estudos e suas concretudes.

Ao escolher realizar estudos com base na série *Mister Brau* inúmeras eram as questões que vinham automaticamente à minha mente todas as vezes que pensava sobre o assunto. Sempre que pensamos em negros nas novelas eles estão com papéis secundários ou representando bandidos. Por isso se torna uma questão importante a ser discutida, como a cor da sua pele determina o que você deve fazer? Como eles podem determinar a sua capacidade de pensar e de fazer por você ser negro? Essas são questões fortes que sempre me intrigaram e nos momentos de pesquisa sobre o objeto a ser estudado percebi que ele ia além dessas perguntas.

A série mostra uma relação de paradigmas extremamente fortes, em que ao mesmo tempo inova trazendo dois personagens principais negros – sim o centro da trama tem dois negros –, e reafirma a visão da população brasileira sobre como o negro pode ser representado na televisão nacional, uma vez que propõe que esta parcela da sociedade só pode obter sucesso através de sorte ou algum talento artístico que possui.

É importante reconhecer o valor que a minissérie traz para sociedades, que os negros também podem, também têm talento a mostrar. Mas, não é só isso, pois eles também possuem capacidade de fazer algo bom como qualquer outra pessoa. Porém, uma infeliz realidade que ainda está enraizada no pensamento da população, é que as pessoas negras não possuem capacidade intelectual, e nos mostra o quão absurda e doente é uma sociedade que pensa dessa forma.



A luz de todos esses estudos é possível chegar a conclusões e a inconclusões. É fato que a série traz à tona inúmeras questões e é essencial nesse contexto de exclusões e branqueamento da TV brasileira. Ela retrata que os negros e mestiços podem e devem participar cada vez mais das produções audiovisuais nacionais, e não somente por igualdade, que já deveria ser um fator primordial, e sim porque os mesmos têm talento e capacidades como qualquer outro. Porém, é inaceitável que seja apenas essa a representação dada aos negros, essa série é somente o começo, o pontapé inicial para uma nova versão dos audiovisuais brasileiros, para uma reformulação da TV nacional.

Contudo, as inconclusões ainda permanecem. Até quando um modelo arcaico irá vigorar na TV? Até quando os negros e mestiços serão medidos pela cor da sua pele e pelos seus traços? Quando esses paradigmas que já não podem mais existir irão vigorar? Ficam perguntas como essas para refletirmos de que forma questões semelhantes a essas são essenciais nos debates sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEUZE, Mark. **Viver como Zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)** - Ano 7 – nº 2 jul. /dez. 2013 - São Paulo – Brasil.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo. 1ª Edição. Loyola. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV** - Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan. /jun. 2002.

FARIA, Maria Cristina Brandão de; FERNANDES, Danubia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira** - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, agosto de 2007 - 2/15

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira** - REVISTA USP, São Paulo, n.69, p. 72-79, março/maio 2006

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do brasil – O negro na telenovela brasileira** – Documentário 2000

GUARDIAN, The. **Brazilian television slowly confronts country's deeply entrenched race issues** – Outubro 2015 <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/07/brazil-television-mister-brau-black-couple-race-issues>>